

GUERRA DE PAPEL – UMA TRAGÉDIA URBANA MUSICAL,

por Alexandre Mate¹.

Em suas diversas palestras, o grande mestre Ariana Suassuna, indagado quanto à origem do teatro, genialmente, afirma, para contestar e espirar “leite mal na cara dos caretas”, acomodados em gabinetes de proteção de suas míseras existências, que o teatro grego nasceu na Grécia, mas que as formas representacionais, de cada país, teria nascido e se formado em seus contextos originais. Por tal proposição, pode-se entender que o mestre faz alusão às manifestações ritualístico-populares que congregam e articulam distintas linguagens e expressões artístico-conviviais para relacionar-se, por meio de símbolos, com seus/ suas iguais.

Com 12 anos de existência e localizada em uma das comunidades do Jaguaré (bairro da Zona Oeste da cidade de São Paulo), a Tô em Outra Cia. de Teatro foi selecionada para figurar na “6a. edição da Mostra de Teatro Heliópolis: a Periferia em Cena”, com o espetáculo *Guerra de Papel – uma Tragédia Urbana Musical*. A obra parte de um dos mitos femininos da cultura grega da Antiguidade Clássica. Em tese, a personagem grega desobedece as normas impostas pelo governante detentor do poder naquele contexto e sofre as consequências decorrentes de seu ato. O mito grego serviu de mote inicial para que Andrezza Rodrigues e Thuane Ainy ressignificassem a personagem feminina-símbolo que não se cala diante de uma arbitrariedade. Na nova criação Antígona se caracteriza em uma mãe de contexto periférico, cujo filho – à semelhança de tantos e tantos outros – morre de bala perdida.

Ao entrar no espaço onde o espetáculo seria apresentado, no espaço representacional da Cia. de Teatro Heliópolis, um imenso painel, com casas sem acabamento, tendo como destaque um rosto/silhueta africana no centro, tende a expressar o contexto da obra. No chão, muitas bolas de papel, como a expressar um processo de brincadeira ou de luta fora ali desenvolvido. Antes de o espetáculo eclodir, uma fala gravada destaca acerca daquilo que se pode ser ao crescer.

A obra se inicia com um canto forte, potente, intenso. Aliás, o conjunto de composições musicais de *Guerra de Papel – uma Tragédia Urbana Musical* caracteriza-se em um dos destaques da montagem. As composições têm letras de Andrezza Rodrigues e Thuane Campos (que também assinam a criação dramática), Jorge Alves e Paulo Henrique Costa; as músicas são de Jorge Alves, Leo Matheus e Paulo Henrique Costa; os arranjos musicais são de Paulo Henrique Costa. A partir de certo momento do potente espetáculo, vem a sensação de que se trata de uma ópera periférica.

Na obra da Tô em Outra, Antígona sobreviveu e tem um filho, que ela batiza Aramis. O filho de Antígona é assassinado por bala perdida. No espetáculo, cuja construção cênico-

¹ Nascido em Vila Anastácio (bairro operário da Zona Oeste da cidade de São Paulo); Mestre em Teatro e doutor em História Social (ambas as formações) pela USP; professor do programa de pós-graduação do Instituto de Artes da Unesp; pesquisador e autor de textos sobre as práxis teatrais.

narrativa, mistura contextos, em ires e vires cuja protagonista é a violência dos tempos. Obra fundamentada na subjugação da vida ao poder de morte do estado omisso e violento (necropolítica).

Realmente, as dramaturgas partem da tragédia clássica tomando-a como um ponto de partida, cujo resultado é muito rigoroso. O diretor/ encenador a obra, Jorge Alves, cria um espetáculo contundente. Em tese, a proposição cenográfica se desenvolve a partir de algumas carteiras escolares individuais, que, durante a obra se transformam, ganhando diferenciadas funções. Dentre as chaves simbólicas para o uso das carteiras, encontra-se uma possibilidade de naquela sala de aula, com professora e estudantes, é possível dividir e socializar as aflições daquele contexto e também pensar em alternativas para superação delas. Além disso, a escola caracteriza-se, também, em um espaço prisional (alguma alusão ao espaço no qual Antígona foi condenada a ficar aprisionada por Creonte?). Durante o espetáculo, as carteiras escolares ganham distintas funções, a partir de proposição de traquitanas (transformam-se a ganhar novas funções). Em cada carteira há uma palavra ou expressão: paciência; até quando?; bala perdida; favela; medos; bala perdida; poder pelo povo preto...

O elenco, formado por May Tenório, Thayna Rodrigues, Claudine Palhàres, Cinthia Tomaz, Cainã Naira, Renan Marques, Uédia Alves e Vittor Oliver apresenta-se em forma de coro, com destaques individuais vez ou outra. Trata-se de um conjunto forte e absolutamente significativo, com alguns destaques individuais, mas extremamente harmônico em seu conjunto. Em determinadas passagens, tanto as falas individuais, como as coletivas (em coro) têm uma determinação de elocução-metralhadora. Afinal, para vencer a barbárie e os medos, decorrentes de contextos repressivos, repletos de todo tipo de violência, é preciso usar as palavras como em processos de guerra... Segundo Belchior, em *Sou Apenas um Rapaz Latino* “Não me peça que eu lhe faça/ uma canção como se deve/ Correta, branca, suave/ Muito limpa e muito leve/ Sons, palavras, são navalhas/ E eu não posso cantar como convém/ Sem querer ferir ninguém”.

Os figurinos, criados por Gabriela Araújo, são compostos pelo recorte e composição de diferentes tecidos (quase como uma colagem), nas quais parece dominar a cor vermelho sangue... caminhando para o roxo.

Ao final da obra, há uma fala segundo a qual “[...] todas as palavras que o alfabeto possa formar com relação ao que é negro morrem...”.

Cumprimento vivamente o coletivo pela bela e corajosa obra! Que muitas outras possam vir.